

## **Identidade de gênero, performatividade e resistência em *O Conto da Aia***

*Identité de genre, performativité et résistance dans La Servante Écarlate*

Barbara Leandra Porto Mota

Graduada em Filosofia pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU)

[barbara.porto@ufu.br](mailto:barbara.porto@ufu.br)

<http://lattes.cnpq.br/5894643612958657>

### **Resumo**

Este trabalho situa-se na filosofia contemporânea, analisando *O Conto da Aia* (2017), de Margaret Atwood, com base nas teorias de Judith Butler, especialmente em *Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da Identidade* (2003). Ambientado em Gilead, uma sociedade distópica e totalitária, o romance explora o controle rígido da identidade e as normas opressivas de gênero. O estudo examina temas como *identidade de gênero, performatividade e resistência*, evidenciando como os personagens desafiam as imposições do regime patriarcal. Com as teorias de Butler (2003), aprofundamos a análise das dinâmicas de poder em Gilead, destacando formas de subversão e resiliência diante da opressão. Buscamos responder como a *performatividade* e as teorias de gênero de Butler (2003) iluminam a compreensão das estruturas de controle e resistência no romance.

**Palavras-chave:** Poder. Performatividade. Sexualidade. Butler. Conto da Aia..

### **Résumé**

Ce travail s'inscrit dans la philosophie contemporaine, analysant *Le Conte de la Servante* (2017) de Margaret Atwood, basé sur les théories de Judith Butler, en particulier dans *Problèmes de Genre : Féminisme et Subversion de l'Identité* (2003). Situé à Gilead, une société dystopique et totalitaire, le roman explore le contrôle strict de l'identité et les normes oppressives de genre. L'étude examine des thèmes tels que *l'identité de genre, la performativité et la résistance*, mettant en évidence comment les personnages défient les impositions du régime patriarcal. Avec les théories de Butler (2003), nous approfondissons l'analyse des dynamiques de pouvoir à Gilead, soulignant les formes de subversion et de résilience face à l'oppression. Nous cherchons à répondre à la manière dont la performativité et les théories de genre de Butler (2003) éclairent la compréhension des structures de contrôle et de résistance dans le roman.



**Mots-clés:** Pouvoir. Performativité. Sexualité. Butler. La Servante écarlate.

## **Introdução**

A análise do *O Conto da Aia* (2017), obra seminal de Margaret Atwood, permite um mergulho nas intrincadas interações entre *gênero*, *poder* e *identidade* em contextos de opressão. Situada na distopia totalitária de Gilead, a narrativa expõe um sistema social rigidamente estruturado, onde as normas de controle são não apenas impostas, mas também internalizadas pelos cidadãos. Este estudo tem como objetivo investigar essas dinâmicas à luz das teorias de Judith Butler (2003), especialmente as abordagens apresentadas em *Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da Identidade*. Butler (2003) enfatiza a *performatividade de gênero* como uma construção social, sublinhando que as identidades não são fixas, mas emergem de práticas reiterativas. Dessa forma, a obra de Atwood (2017) torna-se um terreno fértil para explorar como os personagens, em meio à repressão, negociam suas identidades e resistem às imposições de um regime patriarcal. A partir dessa perspectiva, busca-se contribuir para a compreensão das nuances da *identidade de gênero* e da *resistência* em contextos de dominação, ressaltando a relevância da obra de Atwood (2017) no debate contemporâneo sobre *gênero* e *poder*.

A distopia é um gênero literário que não só nos transporta para realidades alternativas, mas também nos provoca reflexões profundas sobre os sistemas políticos, sociais e morais que permeiam nossas próprias sociedades. Em seu livro *O Conto da Aia*, Margaret Atwood (2017) apresenta uma narrativa que, embora situada em um futuro distante e fictício, aborda questões contemporâneas de poder, controle e resistência.

Este trabalho começará com uma análise de como Atwood (2017) constrói essa sociedade distópica, seguida por uma seção dedicada à investigação das normas de gênero e das estratégias de resistência adotadas pelos personagens, com um foco especial na protagonista, Offred, à luz da teoria de Judith Butler (2003). Serão examinadas as maneiras pelas quais as normas de *gênero* são impostas e desafiadas na sociedade de Gilead, revelando a *performatividade* e a contingência das *identidades de gênero*.

A análise avançará para uma discussão mais profunda da teoria da *performatividade de gênero* de Butler (2003), conforme apresentada em *Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da Identidade*. Nessa obra, a filósofa (2003) questiona os fundamentos que sustentam os conceitos tradicionais de *identidade de gênero*, argumentando que o *gênero* não é uma essência inata, mas



sim uma construção social que se manifesta por meio de práticas reiterativas, perpetuando normas sociais preexistentes. Ao desafiar a rigidez da dicotomia de gênero e destacar sua natureza fluida e contingente, Butler (2003) nos convida a repensar tanto a experiência individual do gênero quanto às estruturas sociais e políticas que a cercam.

A aplicação dessa análise na obra de Atwood (2017) visa esclarecer as complexidades das relações de poder e resistência presentes em *O Conto da Aia* (2017). Na sociedade retratada por Atwood (2017), as questões de *identidade de gênero, performatividade e resistência* se entrelaçam em um ambiente opressivo, onde as normas patriarcais e totalitárias moldam a existência das personagens.

## **1 Narrativas de poder e identidade feminina em O Conto da Aia**

O universo distópico de *O Conto da Aia* (2017) é marcado por uma estrutura social opressiva, onde o regime totalitário de Gilead impõe rígidas normas de controle sobre o corpo e a identidade de seus cidadãos. Desde a primeira página, Atwood (2017) constrói um cenário em que a liberdade individual é severamente restringida, refletindo preocupações contemporâneas sobre a vigilância e a manipulação das identidades em nome da conformidade. Nesse contexto, a protagonista Offred emerge como um símbolo da luta pela autonomia em um mundo que busca suprimir a individualidade em prol de uma ideologia patriarcal.

A narrativa de Atwood (2017) destaca a relação intrínseca entre *gênero e poder*, revelando como as normas sociais são não apenas impostas, mas também internalizadas, criando um ambiente onde a resistência se torna um ato de subversão. Através de sua escrita, a autora (2017) questiona as bases das identidades de gênero, mostrando que elas não são simplesmente dadas, mas construídas e reforçadas por meio de práticas sociais reiterativas. Essa construção social é central para a análise de Butler (2003), que nos convida a repensar o conceito de *gênero* como um desempenho, um conjunto de ações que perpetua as normas estabelecidas.

A figura de Offred, em particular, oferece um espaço fértil para investigar a resistência às imposições de Gilead. Em sua busca por identidade e liberdade, ela navega pelas complexas interações entre a conformidade e a rebeldia, enfrentando a opressão em suas diversas formas. O papel da linguagem, por exemplo, torna-se crucial na forma como Offred reivindica sua voz e, conseqüentemente, sua identidade. As palavras que ela escolhe, as histórias que narra e os pensamentos que expressa são maneiras de resistir ao apagamento de sua individualidade, fazendo



ecoar a proposta de Butler (2003) sobre a *performatividade de gênero* como um espaço de potencial subversão.

Através da análise da sociedade de Gilead e das experiências de Offred, este estudo busca compreender como a obra de Atwood (2017) oferece uma crítica poderosa das dinâmicas de poder, gênero e identidade. Ao refletir sobre as estratégias de resistência dos personagens, pode-se perceber que a luta pela autonomia é uma batalha contínua, revelando as complexidades das identidades em um mundo que insiste em definir quem somos e o que devemos ser.

## **2 Judith Butler e *O Conto da Aia*: Perspectivas sobre identidade e resistência feminista**

Para dar início a esta investigação, é essencial recorrer a um trecho do texto de Judith Butler (2003),

Entretanto, se os atributos de gênero não são expressivos, mas performativos, então constituem efetivamente a identidade que pretensamente expressariam ou revelariam. A distinção entre expressão e performatividade é crucial. Se os atributos e atos do gênero, as várias maneiras como o corpo mostra ou produz sua significação cultural, são performativos, então não há identidade preexistente pela qual um ato ou atributo possa ser medido; não haveria atos de gênero verdadeiros ou falsos, reais ou distorcidos, e a postulação de uma identidade de gênero verdadeira se revelaria uma ficção reguladora. O fato de a realidade do gênero ser criada mediante performances sociais contínuas significa que as próprias noções de sexo essencial e de masculinidade ou feminilidade verdadeiras ou permanentes também são constituídas, como parte da estratégia que oculta o caráter performativo do gênero e as possibilidades performativas de proliferação das configurações de gênero fora das estruturas restritivas da dominação masculinista e da *heterossexualidade compulsória*. (BUTLER, 2003, p.188).

Butler (2003) explora a natureza performativa do *gênero* no trecho acima, contrastando-a com a simples expressão. Ela argumenta que os atributos e comportamentos de *gênero* não apenas refletem uma identidade preexistente, mas constituem atos que efetivamente a criam. Ao destacar essa diferença entre *expressão* e *performatividade*, a autora sugere que não existe uma *identidade de gênero* fixa ou verdadeira pela qual os atos ou atributos possam ser avaliados. Em vez disso, a realidade do gênero é continuamente construída e sustentada por meio de performances sociais, o que implica que as noções de sexo essencial e identidades de gênero autênticas são construções mantidas como parte de uma estratégia que obscurece a natureza performativa do gênero. A filósofa (2003) defende que reconhecer o caráter performativo do gênero pode abrir espaço para a proliferação de diversas configurações de gênero, além das estruturas restritivas da dominação masculina e da *heterossexualidade compulsória*. Essa análise desafia concepções essencialistas de



gênero e enfatiza a importância de questionar as normas sociais que moldam nossa compreensão da *identidade de gênero*.

As discussões sobre diferenças sexuais têm sido um tema central nos estudos de gênero e nas reflexões sobre identidade. Embora o sexo se refira a características biológicas e físicas, como cromossomos, órgãos genitais e hormônios, o gênero é uma construção social que envolve as expectativas, papéis e comportamentos associados a ser homem ou mulher em uma determinada cultura. A distinção entre sexo e gênero é fundamental para reconhecer que as características biológicas não determinam necessariamente a *identidade de gênero* de uma pessoa. Contudo, é importante notar que essa distinção nem sempre é clara, pois ambos os conceitos estão inter-relacionados de maneiras complexas. Embora o sexo biológico possa influenciar alguns aspectos do gênero, como a expressão de gênero, as normas sociais e culturais desempenham um papel crucial na formação da *identidade de gênero*, como apresentam Mateus e Carolina no artigo *Entre sexo e gênero: um estudo bibliográfico-exploratório das ciências da saúde* publicado na revista *Saúde e Sociedade* em 2018 (OKA, LAURENTI. 2018, p. 238-251).

A filosofia de Judith Butler (2003), quando aplicada à análise de *O Conto da Aia* (2017), enfrenta desafios significativos. Embora suas teorias sobre a *performatividade de gênero* e a construção social ofereçam uma perspectiva poderosa para examinar questões de identidade e subjugação de gênero, elas podem apresentar limitações diante da complexidade da obra de Margaret Atwood (2017). A natureza distópica e extremamente hierárquica do mundo descrito no romance desafia algumas sugestões de Butler (2003) sobre a liberdade de expressão de gênero e a instabilidade das identidades. Além disso, as formas extremas de controle e coerção presentes na sociedade de *O Conto da Aia* (2017) podem ofuscar as nuances das performances de gênero e das negociações identitárias que Butler (2003) enfatiza em seus escritos. Portanto, embora as ideias de Butler (2003) apresentem percepções valiosas, é crucial considerar cuidadosamente como elas se aplicam ao contexto específico do romance.

A partir da leitura de *Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da Identidade*, é possível entender a teoria da instabilidade das identidades como uma abordagem que desafia os conceitos tradicionais de identidade. Butler (2003) argumenta que as identidades não são fixas ou predefinidas, mas sim construções sociais e culturais moldadas por práticas e discursos, conforme exposto no livro (BUTLER, 2003, p. 20-21). Nesse sentido, as identidades de gênero, sexualidade e raça são vistas como performativas, ou seja, continuamente criadas e recriadas nas interações sociais. Essa perspectiva contesta ideias essencialistas que compartilham a identidade como



intrínseca e imutável, enfatizando, em vez disso, uma instabilidade e a contingência das identidades, que são influenciadas por contextos sociais, históricos e políticos específicos.

No contexto da discussão sobre a *heterossexualidade compulsória* de acordo com Butler (2003) expõe em seu livro (BUTLER, 2003, p.8-9), apresenta uma análise provocativa. Ela descreve como essa norma é imposta socialmente, relegando outras orientações sexuais à marginalização e estigmatização. Essa imposição está enraizada nas estruturas sociais e culturais, penetrando em instituições, leis e práticas cotidianas. A *heterossexualidade compulsória* não apenas exclui outras formas de sexualidade, mas também reforça estereótipos de gênero específicos, restringindo a livre expressão da *identidade de gênero* e da *sexualidade*. Ao desafiar essa norma, confrontamos não apenas um padrão social, mas também abrimos espaço para a diversidade, inclusão e respeito às diferentes experiências e identidades humanas, conforme discutido pela autora (2003) em sua obra.

Neste texto, exploraremos como a teoria de Judith Butler (2003) fornece um arcabouço analítico detalhado para examinar as estratégias de negociação e desafio dos personagens em relação às normas de gênero impostas pelo regime de Gilead. A filósofa americana (2003) desafia as concepções tradicionais de gênero ao argumentar que este não é uma característica inata, mas sim uma construção social e cultural. Central para sua teoria está a ideia de *performatividade de gênero*, na qual o gênero é constituído por meio de práticas repetitivas e discursivas, em vez de ser uma expressão de uma essência interior.

Ao aplicar a teoria de Butler (2003) à análise de *O Conto da Aia* (2017), podemos aprofundar a compreensão das dinâmicas de *poder, performatividade de gênero e resistência* presentes no texto de Margaret Atwood (2017). A partir da perspectiva de Butler (2003), torna-se evidente como as personagens do conto negociam e desafiam as normas de gênero impostas pelo regime totalitário de Gilead. Essas normas, quando examinadas à luz da *performatividade* de gênero, revelam-se não apenas imposições externas, mas construções sociais que moldam e restringem a identidade das personagens.

O feminismo é uma lente fundamental para a compreensão e análise de *O Conto da Aia* (2017), pois a obra de Atwood (2017) explora profundamente questões de poder, *identidade de gênero* e resistência. Em Gilead, a sociedade distópica retratada no livro, as mulheres enfrentam uma opressão extrema, sendo relegadas a papéis rigidamente definidos e controladas por um regime patriarcal totalitário. Dessa forma, o conto não apenas expõe as formas extremas de subjugação que



as mulheres enfrentam, mas também oferece uma crítica contundente às estruturas de poder de gênero que permeiam a sociedade.<sup>1</sup>

A teoria de Judith Butler (2003), em especial sua concepção de *performatividade de gênero*, é crucial para a análise da obra. Ao destacar a natureza construída e instável das identidades de gênero, Butler (2003) nos ajuda a entender como as personagens do conto lutam contra a imposição de papéis unidimensionais e buscam formas de resistência dentro das estruturas opressivas de Gilead. Essa perspectiva desafia as concepções tradicionais de *identidade de gênero*, fornecendo um arcabouço teórico que ilumina as complexidades das dinâmicas de poder e *performatividade* presentes na narrativa.

### **3 O Conto da Aia a partir das leituras de Butler**

Assim, ao analisar *O Conto da Aia* (2017) sob a ótica do feminismo e das teorias de Butler (2003), somos confrontados com uma narrativa que transcende a ficção, refletindo as realidades complexas e multifacetadas das experiências das mulheres em sociedades patriarcais. Essa abordagem não apenas oferece percepções valiosas sobre as formas de resistência e subversão contra as normas de gênero impostas, mas também nos desafia a repensar nossas próprias concepções de identidade e poder dentro de estruturas sociais opressivas.

Dentro do universo distópico de Gilead, a *performatividade de gênero* emerge como uma ferramenta essencial nas mãos das elites dominantes para consolidar seu poder sobre a população. As normas de comportamento e *identidade de gênero* são impostas de forma autoritária pelo regime, estabelecendo uma hierarquia que privilegia os homens e submete as mulheres. Essas performances não apenas marginalizam e objetificam as mulheres, mas também reforçam uma doutrina patriarcal que justifica e perpetua o controle masculino sobre todos os aspectos da vida feminina. Além disso, as normas de gênero performativas em Gilead não se limitam a uma conformidade superficial; elas atuam como uma ferramenta de controle totalitário sobre o corpo e a mente das pessoas. A *performatividade de gênero* em Gilead não é apenas uma imposição externa, mas também uma internalização por parte dos próprios personagens. A vigilância constante e a

---

<sup>1</sup> Com base na entrevista concedida por Margaret Atwood ao jornal Folha de São Paulo em setembro de 2021, ela reflete sobre a persistência de padrões cíclicos e opressivos na história, como exemplificado pelo seu estudo da República de Gileade. Ela destaca o desejo humano de ordem, muitas vezes levando à aceitação do autoritarismo, que pode ser observado em alguns regimes históricos e contemporâneos (Revolução Francesa e Nazismo). Por fim, Atwood reflete sobre o papel da escrita como um ato de esperança, reconhecendo que, apesar das complexidades e, por vezes, sombrias, a motivação subjacente à criação literária é a crença no poder transformador das palavras. (VINEYARD, 2017).



pressão social para a conformidade moldam profundamente a psique das pessoas, levando-as a internalizar e reproduzir as normas de gênero dominantes.

A teoria da *performatividade de gênero*, conforme articulada por Judith Butler (2003), desafia os conceitos tradicionais de *identidade de gênero* como algo inerente e fixo. A autora (2003) argumenta que o gênero não é uma característica biológica ou psicológica pré-determinada, mas sim uma construção social e cultural, moldada por meio de atos repetidos e performáticos, conforme esclarecido em *Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da Identidade* (BUTLER, 2003, p. 20-21). Em outras palavras, o gênero não é algo que uma pessoa simplesmente “possui”; é algo que uma pessoa “faz” ou “performar” continuamente por meio de suas ações, gestos, linguagem e comportamentos diários. De acordo com Butler (2003), essas performances de gênero não apenas expressam uma identidade preexistente, mas também a constroem e a mantêm ao longo do tempo.

Se o sexo é, ele próprio, uma categoria tomada em seu gênero, não faz sentido definir o gênero como a interpretação cultural do sexo. O gênero não deve ser meramente concebido como a inscrição cultural de significado num sexo previamente dado (uma concepção jurídica); tem de designar também o aparato mesmo de produção mediante o qual os próprios sexos são estabelecidos. Resulta daí que o gênero não está para a cultura como o sexo para a natureza; ele também é o meio discursivo/cultural pelo qual “a natureza sexuada” ou “um sexo natural” é produzido e estabelecido como “pré-discursivo”, anterior à cultura, uma superfície politicamente neutra sobre a qual age a cultura. Essa concepção do “sexo” como radicalmente não construído será novamente objeto de nosso interesse na discussão sobre Lévi Strauss e o estruturalismo, no capítulo 2. Na conjuntura atual, já está claro que colocar a dualidade do sexo num domínio pré-discursivo é uma das maneiras pelas quais a estabilidade interna e a estrutura binária do sexo são eficazmente asseguradas. Essa produção do sexo como pré-discursivo deve ser compreendida como efeito do aparato de construção cultural que designamos por gênero. (BUTLER, 2003, p. 22).

Neste trecho, Judith Butler (2003) examina a relação entre sexo e gênero, colocando em dúvida a ideia de que o gênero seja meramente uma expressão cultural do sexo. Ela argumenta que essa definição simplista não abarca completamente a complexidade da interação entre sexo e gênero. Butler (2003) sugere que o gênero não é apenas uma construção cultural em torno de um sexo biologicamente determinado, mas também é o próprio meio pelo qual os sexos são estabelecidos e produzidos. Isso implica que o gênero não está separado da natureza ou do sexo como uma construção puramente cultural, mas é parte integrante do processo pelo qual os sexos são definidos e mantidos. Butler (2003) critica a ideia de que o sexo seja uma categoria pré-discursiva, anterior à cultura, argumentando que essa concepção é uma estratégia para manter a estabilidade e a estrutura binária do sexo. Em vez disso, ela sugere que o sexo é construído discursiva e



culturalmente, e que a noção de sexo como pré-discursivo é um efeito do aparato cultural que chamamos de gênero. Essa análise destaca a interconexão entre sexo e gênero, desafiando noções essencialistas e binárias sobre identidade sexual e de gênero.

Butler (2003) enfatiza que a *performatividade de gênero* é um processo dinâmico e fluido, sujeito à contestação e transformação. Ela argumenta que as normas de gênero são impostas pela sociedade e internalizadas pelos indivíduos por meio de práticas repetidas e rituais sociais. No entanto, Butler (2003) também sugere que essas normas podem ser subvertidas e contestadas por meio de alternativas de desempenho que desafiam as expectativas do gênero dominante. Assim, a *performatividade de gênero* não apenas revela a natureza construída e contingente das *identidades de gênero*, mas também oferece possibilidades de resistência e transformação dentro de sistemas de poder opressivos.

Na passagem feita acima (BUTLER, 2003. p.188), Judith Butler (2003) investiga a natureza performativa do gênero, contrapondo-o à noção de expressão. Ela sustenta que os traços e comportamentos de gênero não meramente expressam uma identidade já existente, mas são atos que de fato constroem essa identidade. Ao ressaltar essa diferenciação entre expressão e *performatividade*, a filósofa sugere que não existe uma *identidade de gênero* fixa ou autêntica pela qual os atos ou características possam ser avaliados. Em vez disso, a realidade do gênero é continuamente forjada e mantida por meio de performances sociais, implicando que concepções essenciais de sexo e *identidades de gênero* verdadeiras são construídas e preservadas como parte de uma estratégia que obscurece a natureza performativa do gênero. Butler (2003) argumenta que reconhecer o caráter performativo do gênero pode abrir espaço para uma multiplicidade de configurações de gênero além das estruturas limitadoras da dominação masculina e da *heterossexualidade compulsória*. Essa análise desafia noções essencialistas de gênero e ressalta a importância de reconhecer e questionar as normas sociais que influenciam nossa compreensão da *identidade de gênero*.

Se o gênero são os significados culturais assumidos pelo corpo sexuado, não se pode dizer que ele decorra de um sexo desta ou daquela maneira. Levada a seu limite lógico, a distinção sexo/gênero sugere uma descontinuidade radical entre corpos sexuais e gêneros culturalmente construídos. Supondo por um momento a estabilidade do sexo binário, não decorre daí que a construção de “homens” se aplique exclusivamente a corpos masculinos, ou que o termo “mulheres” interprete somente corpos femininos. Além disso, mesmo que os sexos pareçam não problematicamente binários em sua morfologia e constituição (ao que será questionado), não há razão para supor que os gêneros também devam permanecer em número de dois. (BUTLER, 2003, p. 21).



Neste trecho, a autora (2003) explora a distinção entre sexo e gênero, contestando a ideia de que o gênero é apenas uma expressão direta do sexo biológico. Ela argumenta que os significados culturais atribuídos aos corpos sexuados são construções sociais que não decorrem automaticamente das características biológicas. Ao enfatizar essa desconexão entre sexo e gênero, Butler (2003) desafia a noção de que as identidades de gênero estejam rigidamente ligadas aos corpos masculinos e femininos, sugerindo que a construção de "homens" e "mulheres" não se limita exclusivamente a esses corpos. Além disso, ela questiona a suposição de que os gêneros devam seguir uma estrutura binária, defendendo que não há razão para restringir as identidades de gênero a apenas duas, permitindo uma compreensão mais ampla e fluida das diversas formas de expressão de gênero.

No contexto de Gilead, a análise das experiências de gênero não pode ser reduzida à dicotomia entre homens e mulheres. Embora o regime totalitário imponha uma divisão rígida baseada no sexo biológico, é fundamental reconhecer que a *performatividade de gênero* e as identidades de gênero podem ser muito mais complexas e variadas do que sugere essa estrutura binária. Além disso, é crucial entender que as vivências de gênero em Gilead não são homogêneas e podem ser afetadas por diversos fatores, como classe social, raça e orientação sexual. Por exemplo, mulheres de classes privilegiadas podem enfrentar pressões e expectativas diferentes em relação ao gênero quando comparadas às daquelas de classes menos favorecidas.

Essa compreensão mais ampla das experiências de gênero em Gilead nos permite não apenas questionar as normas de gênero impostas pelo regime totalitário, mas também reconhecer a diversidade e complexidade das identidades de gênero presentes na sociedade distópica. Embora a *identidade de gênero* seja claramente delineada e restritiva, com as mulheres relegadas a papéis de submissão e reprodução, enquanto os homens detêm o poder e o controle, mesmo sob essas condições opressivas, as personagens encontram maneiras de resistir à categorização e reivindicar sua individualidade.

Esses atos, gestos e atuações, entendidos em termos gerais, são performativos, no sentido de que a essência ou identidade que por outro lado pretendem expressar são fabricações manufaturadas e sustentadas por signos corpóreos e outros meios discursivos. O fato de o corpo gênero ser marcado pelo performativo sugere que ele não tem status ontológico separado dos vários atos que constituem sua realidade. (BUTLER, 2003, p.182).

Neste trecho, evidencia-se que as ações, gestos e comportamentos de uma pessoa são performativos, ou seja, não apenas expressam uma essência preexistente, mas também contribuem para a construção dessa essência. A identidade de gênero, por exemplo, não é vista como algo



ontologicamente separado do corpo, mas como algo moldado e solidificado por meio de sinais corporais e discursos diversos. Isso indica que a *identidade de gênero* não é fixa, mas uma construção instável, influenciada por uma variedade de fatores performativos.

Ao explorar a natureza performativa das identidades e dos papéis de gênero, essa análise ressoa fortemente com a atmosfera distópica e opressiva do conto. Em um mundo onde as mulheres são rigidamente definidas em papéis sociais específicos, como Aias, Marthas e Esposas, a identidade é moldada não apenas por características individuais, mas também por performances e rituais que reforçam esses papéis atribuídos. A imposição dessas performances não apenas submete as mulheres a uma estrutura de poder opressiva, mas também questiona a suposta fixação das identidades de gênero, indicando que estas são construções sociais sustentadas por atos repetidos e rituais sociais. Tanto o trecho quanto o conto exploram a ideia de que as identidades de gênero não são inatas, mas sim construções sociais apoiadas em signos corporais e performances, refletindo as dinâmicas de controle e poder presentes na sociedade retratada por Margaret Atwood (2017).

Ao analisar como os personagens de *O Conto da Aia* (2017) enfrentam suas identidades dentro das restrições impostas pelo regime de Gilead, torna-se evidente a luta deles contra a imposição de papéis unidimensionais e a busca por formas de resistência nas estruturas que tentam oprimi-los. Ao empregar a teoria de Butler (2003), conseguimos iluminar as complexas dinâmicas de poder, *performatividade* e resistência que permeiam o mundo distópico de Gilead, oferecendo valiosas percepções sobre as possibilidades de resistência mesmo em contextos adversos.

Uma análise das dinâmicas de *poder, performatividade de gênero e resistência* na sociedade distópica do conto revela um intrincado jogo de negociação e confronto entre os personagens e o regime totalitário de Gilead. Diante das restrições impostas sobre suas identidades e papéis sociais, os personagens enfrentam uma luta constante pela preservação de sua individualidade e dignidade. Nesse contexto, a teoria de Judith Butler (2003) se apresenta como uma ferramenta analítica crucial, oferecendo uma compreensão mais profunda das estratégias de resistência adotadas pelos personagens. Ao examinar como suas performances de *gênero* são moldadas e contestadas dentro das estruturas opressivas de Gilead, somos levados a refletir sobre a natureza instável e construída das *identidades de gênero*, assim como sobre as possibilidades de resistência e transformação, mesmo em cenários adversos. Essa análise permite desvelar as complexas interações entre poder, subjugação e agência, destacando a resiliência e coragem dos personagens diante das injustiças e opressões impostas pelo regime totalitário.



Pode ser que o problema seja ainda mais sério. Seria a construção da categoria das mulheres como sujeito coerente e estável uma regulação e reificação inconsciente das relações de gênero? E não seria essa reificação precisamente o contrário dos objetivos feministas? Em que medida a categoria das mulheres só alcança estabilidade e coerência no contexto da matriz heterossexual? Se a noção estável de gênero dá mostras de não mais servir como premissa básica da política feminista, talvez um novo tipo de política feminista seja agora desejável para contestar as próprias reificações do gênero e da identidade — isto é, uma política feminista que tome a construção variável da identidade como um pré-requisito metodológico e normativo, senão como um objetivo político. (BUTLER, 2003, p.20).

Este trecho provoca reflexões profundas sobre a construção das categorias de gênero no contexto do feminismo. Ele sugere que a concepção das mulheres como um grupo coeso e estável pode, na realidade, reforçar estruturas de poder e limitar a diversidade de experiências e identidades dentro desse grupo. Ao abordar a estabilidade da categoria "mulheres" na matriz heterossexual, o texto destaca como as normas sociais influenciam a construção das identidades de gênero. A ideia de que uma abordagem mais dinâmica e instável pode ser necessária para uma política feminista eficaz, reconhecendo a variabilidade da *identidade de gênero* como um pré-requisito para a ação política, convida à reflexão sobre como o feminismo pode se adaptar às mudanças nas concepções de gênero e continuar lutando pela justiça e igualdade, desafiando as reificações de gênero e identidade.

Há uma conexão significativa entre essa citação e o conto de Margaret Atwood (2017) ao questionar a construção das categorias de gênero e sua relação com a opressão das mulheres. Assim como no mundo distópico de Gilead, onde as mulheres são rigidamente classificadas em papéis como Aias, Marthas e Esposas, o texto sugere que a concepção estável e coerente das mulheres como um grupo pode reforçar as relações de gênero, limitando a diversidade de experiências e identidades nesse conjunto. Além disso, ao abordar a estabilidade da categoria das mulheres dentro da matriz heterossexual, o texto evoca como a identidade e a função das mulheres são definidas em relação aos homens e à reprodução, refletindo as dinâmicas de poder e controle presentes no regime de Gilead. Assim como as personagens do conto são desafiadas a encontrar novas formas de resistência contra a opressão do regime, o texto sugere que o feminismo também pode precisar adotar uma abordagem flexível para enfrentar as reificações de gênero e identidade, reconhecendo a construção variável da *identidade de gênero* como um pré-requisito para a ação política. Em suma, tanto o trecho destacado quanto o conto exploram a complexidade das relações de gênero e a necessidade de desafiar as estruturas de poder que as sustentam.



Um aspecto intrigante que surge da análise de *O Conto da Aia* (2017) é a ausência do conceito de "mulher" como uma identidade distinta e autônoma dentro do universo ficcional de Gilead. Embora as personagens femininas desempenhem papéis centrais na narrativa e suas experiências sejam profundamente moldadas pelas normas de gênero impostas pelo regime totalitário, a própria noção de "mulher" como uma categoria social reconhecível parece estar ausente. Em vez disso, as mulheres são definidas e valorizadas principalmente em relação às funções que exercem na sociedade, como Aias, Esposas, Marthas, entre outras. Essa falta de uma identidade coletiva e unificada para as mulheres no texto levanta questões sobre a natureza fragmentada e instrumentalizada da feminilidade em Gilead, bem como sobre o impacto dessa fragmentação na resistência e busca pela autonomia das personagens femininas. Ao explorar essa lacuna na representação da identidade feminina no conto, somos levados a questionar não apenas as normas de gênero impostas pelo regime, mas também a própria construção da identidade feminina no contexto distópico apresentado pela obra.

Uma análise da ausência do conceito de "mulher" no conto, à luz da teoria de Judith Butler (2003) sobre *performatividade* de gênero, revela percepções fascinantes sobre como a identidade é construída e subvertida no contexto distópico de Gilead. Butler (2003) argumenta que o gênero não é uma característica inata, mas sim uma performance repetitiva e socialmente construída, sujeita a constante contestação e reconfiguração. Dentro de Gilead, onde as normas de gênero são rigidamente impostas e as mulheres são categorizadas e controladas de acordo com sua função reprodutiva, a ausência do conceito de "mulher" como uma identidade unificada sugere uma fragmentação mais profunda da feminilidade. Nesse sentido, as mulheres são reduzidas a papéis prescritos, desprovidas de uma identidade coletiva além de sua utilidade para o regime patriarcal. Essa fragmentação da identidade feminina torna-se uma ferramenta de controle e opressão, pois impede a solidariedade entre as mulheres e a formação de uma resistência coletiva contra as estruturas de poder dominantes.

Não basta inquirir como as mulheres podem se fazer representar mais plenamente na linguagem e na política. A crítica feminista também deve compreender como a categoria das "mulheres", o sujeito do feminismo, é produzida e reprimida pelas mesmas estruturas de poder por intermédio das quais se busca a emancipação. Certamente, a questão das mulheres como sujeito do feminismo suscita a possibilidade de não haver um sujeito que se situe "perante" a lei, à espera de representação na lei ou pela lei. Talvez o sujeito, bem como a evocação de um "antes" temporal, sejam constituídos pela lei como fundamento fictício de sua própria reivindicação de legitimidade. (BUTLER, 2003, p.16).



A citação de Judith Butler (2003) destaca a necessidade de uma crítica feminista que não se limite à busca por maior representação das mulheres na linguagem e na política, mas que também compreenda como a própria categoria de "mulheres" é construída e reprimida pelas estruturas de poder que o feminismo busca desafiar. Ela argumenta que as estruturas de poder não apenas marginalizam as mulheres, mas também desempenham um papel ativo na construção do conceito de "mulher" como sujeito do feminismo, levantando dúvidas sobre a existência de um sujeito perante a lei e sugerindo que a ideia de um tempo "antes" da lei é uma ficção usada para legitimar as próprias reivindicações de autoridade e poder da lei. Essa análise aponta para a importância de questionar mais profundamente não apenas as formas de representação, mas também as bases nas quais essas representações são construídas e mantidas pelo poder.

Além disso, a ausência do conceito de "mulher" como uma identidade estável desafia as bases próprias do patriarcado, que depende da categorização binária e hierárquica dos gêneros para manter o controle sobre as mulheres. Ao negar a existência de uma identidade "mulher" estável e universal, *O Conto da Aia* (2017) expõe a arbitrariedade e a artificialidade das normas de gênero impostas por Gilead. Isso sugere que a resistência à opressão de gênero pode começar a desafiar não apenas as normas específicas impostas pelo regime, mas também questionar os próprios fundamentos conceituais dessas normas. Portanto, ao analisar a ausência do conceito de "mulher" à luz da teoria de Butler (2003), somos instigados a pensar não apenas as dinâmicas de poder no conto, mas também a própria natureza da *identidade de gênero* e as possibilidades de resistência dentro de um contexto opressivo.

Na sociedade de Gilead, a linguagem desempenha um papel crucial na perpetuação e contestação das normas de gênero impostas pelo regime totalitário. Margaret Atwood (2017) utiliza uma narrativa ricamente simbólica, na qual a linguagem é empregada como uma ferramenta de controle e resistência, revelando as complexidades das relações de poder e identidade dentro da sociedade distópica. A linguagem é frequentemente manipulada pelo regime de Gilead para fortalecer as normas de gênero prescritas e manter o controle sobre as pessoas. Por exemplo, termos como "Aia", "Esposa" e "Martha" não apenas descrevem os papéis sociais das mulheres, mas também as subjugam a uma identidade unidimensional que as define exclusivamente por sua função reprodutiva ou doméstica. Essa linguagem de categorização reforça as normas de gênero impostas pelo regime, limitando as possibilidades de expressão e autonomia para as personagens femininas.

Eu inclino minha cabeça e fecho os olhos. Ouço a respiração suspensa, os arquejos e ahs! contidos, quase inaudíveis, o tremor que acontece atrás de minhas costas. Como ela deve me odiar, penso. Rezo silenciosamente: "Nolite te bastardes



carborundorum”. Não sei o que significa, mas me soa correto, apropriado, e terá que servir, porque não sei mais o que dizer a Deus. Não agora. Não como se costumava dizer, nesta conjuntura. (ATWOOD, 2017 p.88).

Na cena descrita, a protagonista, Offred, encontra-se em um momento de profunda vulnerabilidade e desamparo. Diante da opressão e da incerteza sobre seu destino, ela recorre a uma expressão em latim, "Nolite te bastardes carborundorum" (ATWOOD, 2017. p.88.)<sup>2</sup>, como uma espécie de refúgio emocional. Mesmo sem compreender completamente seu significado, essa frase assume um papel poderoso em sua mente, representando uma resistência interior contra a tirania e a desumanidade que a cercam. É um lembrete de que, apesar das estatísticas solicitadas, ela ainda mantém um fio de dignidade e vontade de lutar contra aqueles que tentam esmagá-la. Essa simples frase em latim torna-se um símbolo de sua resistência e determinação em não permitir que os opressores destruam completamente.

No entanto, apesar dos esforços do regime para controlar a linguagem e as identidades de gênero das pessoas, também há momentos de subversão linguística que desafiam as normas condicionais. Por exemplo, o uso de termos como "Nolite te bastardes carborundorum" (ATWOOD, 2017. p.88.) por parte de Offred e outras Aia representa um ato de resistência linguística, em que a linguagem é abordada e transformada em uma ferramenta de empoderamento e solidariedade. Esses atos de subversão linguística não apenas desafiam as normas de gênero impostas pelo regime, mas também criam um espaço de resistência no qual as vozes dos personagens podem ser ouvidas e valorizadas.

Além disso, a linguagem assume um papel significativo como forma de expressão e identidade no contexto distópico de Gilead. Um exemplo disso é como as memórias e reflexões internas de Offred são narradas em uma linguagem poética e introspectiva, possibilitando que ela explore e articule sua própria compreensão de si mesma e do mundo ao seu redor. Essa linguagem pessoal e subjetiva desafia a objetificação das mulheres dentro do regime, permitindo-lhes reivindicar sua humanidade e individualidade em meio à opressão.

Portanto, ao examinar o papel da linguagem em *O Conto da Aia* (2017), torna-se evidente que ela desempenha um papel central na construção e subversão das normas de gênero dentro da sociedade de Gilead. Desde a manipulação da linguagem pelo regime para reforçar o controle sobre as identidades de gênero das pessoas até os atos de resistência linguística que desafiam ativamente

---

<sup>2</sup> Essa citação importante do livro *O Conto da Aia* expressa a ideia de “Não permita que os bastardos reduzam você a cinzas”. (ATWOOD, 2017. p.88.)



essas normas, a linguagem emerge como uma arena crucial em que as batalhas pela autonomia e liberdade são travadas.

Quando eu sair daqui, se algum dia conseguir registrar isso, de qualquer modo, mesmo sob a forma de uma voz para outra, será uma reconstrução também, em um grau ainda mais distante. É impossível dizer alguma coisa exatamente da maneira como foi, porque o que você diz nunca pode ser exato, você sempre tem de deixar alguma coisa de fora, existem partes, lados, correntes contrárias e nuances demais; gestos demais, que poderiam significar isto ou aquilo, formas demais que nunca podem ser plenamente descritas, sabores demais, no ar ou na língua, semitonalidades, quase cores, demais. Se acontecer de você ser homem, em qualquer tempo no futuro, e tiver chegado até aqui, por favor lembre-se: você nunca será submetido à tentação de sentir que tem de perdoar um homem, como uma mulher. É difícil de resistir, creia-me. Mas lembre-se de que o perdão também é um poder. Suplicar por ele é um poder, e recusá-lo ou concedê-lo é um poder, talvez de todos o maior. (ATWOOD, 2017, p. 127).

Neste segmento, a narradora pondera sobre a complexidade da memória e da linguagem, reconhecendo a dificuldade em captar plenamente as nuances de uma experiência passada. Ela destaca a inevitabilidade da confiança e interpretação ao relatar eventos, ressaltando que a comunicação sempre envolve a seleção e a omissão de detalhes. Além disso, a narradora oferece um conselho aos homens que podem encontrar sua história no futuro, alertando sobre a tentativa de desculpar os atos de opressão contra as mulheres. Ela salienta que o perdão é um poder, tanto para quem o solicita quanto para quem o concede ou recusa, destacando a importância da consideração e da resistência às dinâmicas desiguais de gênero que podem influenciar as interações humanas.

Ao examinarmos *O Conto da Aia* (2017) à luz do livro *Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da Identidade*, de Judith Butler (2003), adentrarmos em uma compreensão mais profunda das dinâmicas de poder e identidade que permeiam a sociedade distópica de Gilead. Butler (2003) desafia a concepção tradicional de gênero como uma categoria estável e inata, argumentando que é uma construção social e performática. Em Gilead, essa construção é evidenciada pela rigidez das categorias de gênero impostas pelo regime totalitário, onde as mulheres são confinadas a papéis predeterminados. Essa categorização não apenas reflete a imposição de normas sociais, mas também serve como uma ferramenta de controle, restringindo a expressão da identidade individual e consolidando o domínio patriarcal.

Ao analisarmos as personagens, nos deparamos com Ofglen, que desempenha um papel multifacetado e intrigante. Primeiramente, ela parece ser uma aliada confiável para Offred, compartilhando informações sobre a resistência clandestina contra o regime opressivo de Gilead. No entanto, à medida que a história avança, percebemos que Ofglen está profundamente



comprometida com a causa da resistência, até o ponto de sacrificar sua própria segurança e liberdade. Sua complexidade é ainda mais evidente quando descobrimos que Ofglen é apenas um nome temporário, uma identidade que muda conforme cada Aia é substituída, revelando a profundidade do controle e da manipulação exercidos pelo regime.

Além disso, a relação entre Offred e Ofglen serve como um estudo de confiança e desconfiança em um ambiente totalitário. Offred é constantemente confrontada com o dilema de até que ponto pode confiar em Ofglen, considerando a constante vigilância e a possibilidade de traição. Essa dinâmica complexa destaca a natureza instável das relações interpessoais sob um regime autoritário, no qual a lealdade pode ser uma questão de sobrevivência e o medo permeia todas as interações.

A sexualidade de Ofglen em *O Conto da Aia* (2017) é complexa e intrinsecamente ligada ao contexto opressivo de Gilead. Como todas as Aias, Ofglen é reduzida a um mero instrumento de reprodução, obrigada a participar de cerimônias sexuais ritualizadas com os Comandantes. No entanto, sua sexualidade vai além das imposições do regime, revelando-se como uma forma de resistência silenciosa e até mesmo perigosa. Ofglen utiliza sua posição para obter informações sobre a resistência e para estabelecer conexões secretas, mostrando que sua sexualidade é também uma ferramenta de subversão contra a opressão. Ao mesmo tempo, sua orientação sexual lésbica é uma fonte adicional de vulnerabilidade em um ambiente onde a homossexualidade é severamente punida. A sexualidade de Ofglen é, portanto, um aspecto crucial de sua identidade e uma forma de desafiar as normas restritivas impostas pelo regime totalitário.

A análise de Butler (2003) nos permite enxergar as brechas para a resistência dentro do sistema opressivo de Gilead. As personagens femininas, apesar de sua posição subjugada, encontram maneiras de desafiar ativamente as normas de gênero. Seja por meio de pequenos atos de desobediência ou estratégias mais elaboradas de resistência, como a troca de informações proibidas, elas demonstram uma agência que desafia as restrições impostas pelo patriarcado. Essas formas de resistência não apenas questionam as normas de gênero estabelecidas, mas também abrem espaço para uma reflexão mais profunda sobre a natureza instável e contestável das identidades de gênero. Assim, ao explorar *O Conto da Aia* (2017) à luz das teorias de Butler (2003), somos confrontados com a complexidade das relações de poder e as possibilidades de transformação e resistência mesmo nos contextos extremos.

Espero na esquina de Ofglen. Ela está atrasada. Finalmente a vejo ao longe, uma forma vermelha e branca de pano, como uma pipa, caminhando naquele passo sereno e constante que aprendemos a manter. Vejo-a e não percebo nada de início.



Então, à medida que se aproxima, tenho a impressão de que deve haver alguma coisa errada com ela. Sua aparência está errada. Está alterada de alguma maneira indefinível; não está ferida, não está mancando. É como se tivesse encolhido. Então, quando está ainda mais perto vejo o que é. Ela não é Ofglen. É da mesma altura, mas mais magra, e a pele de seu rosto tem a cor bege e não rosada. Chega junto de mim, para.

— Bendito seja o fruto — diz ela para mim. Impassível. Severa, austera.

— Que possa o Senhor abrir — respondo. Tento não demonstrar surpresa.

— Você deve ser Offred — diz ela. Digo que sim, e começamos nossa caminhada.

E agora, penso. Minha cabeça está fervilhando, isso não é uma boa notícia, que terá acontecido com ela, como faço para descobrir sem demonstrar demasiado interesse? Não devemos criar laços de amizade, lealdades, umas com as outras. Tento me lembrar de quanto ainda falta para Ofglen cumprir seu tempo de serviço no posto atual. (ATWOOD, 2017, p. 262).

A passagem retrata um momento de tensão e desconforto para Offred, a protagonista do conto, enquanto ela aguarda Ofglen, sua companheira e suposta aliada na resistência contra o regime de Gilead. Inicialmente, Offred descreve Ofglen como uma figura familiar, mas logo percebe algo incomum em sua aparência à medida que ela se aproxima. A mudança física de Ofglen, claramente visível à medida que ela se aproxima, é um sinal de alerta para Offred, que percebe que algo está profundamente errado. A tensão aumenta quando Offred percebe que a mulher que se aproxima não é a mesma Ofglen que ela conhecia, mas sim outra pessoa em seu lugar. Essa troca imprevista e suas consequências desconhecidas intensificam a atmosfera de desconfiança e incerteza que permeia a narrativa, destacando os perigos e desafios enfrentados pelas personagens em um mundo onde a confiança é uma mercadoria rara e preciosa.

A personagem de Ofglen no conto pode ser relacionada à teoria de Judith Butler (2003), especialmente em sua abordagem sobre *identidade de gênero e performatividade*. Ofglen, ao assumir diferentes identidades conforme cada Aia é substituída, exemplifica essa ideia de *performatividade* de gênero. Sua identidade, incluindo seu nome temporário, é moldada pela estrutura opressiva de Gilead, onde as mulheres são categorizadas e subjugadas de acordo com sua função reprodutiva. A necessidade de Ofglen de adaptar sua identidade para se adequar às exigências do regime evidencia a instabilidade e a artificialidade das normas de gênero impostas pela sociedade.

Além disso, a sexualidade de Ofglen também pode ser analisada à luz das teorias de Butler (2003) sobre poder e subversão. Butler (2003) discute como os corpos são regulados e disciplinados pelo poder dominante, mas também como podem ser exemplos de resistência e contestação. Ofglen, ao usar sua sexualidade como uma forma de resistência silenciosa contra o regime de Gilead,



exemplifica essa dinâmica. Apesar das restrições impostas pelo regime, ela encontra maneiras de subverter as normas sexuais e estabelecer conexões clandestinas, demonstrando a capacidade dos corpos de resistir e desafiar as estruturas de poder. A trajetória de Ofglen ilustra, assim, a interseção complexa entre identidade, poder e resistência, temas centrais na obra de Judith Butler (2003).

### Considerações finais

Em suma, *O Conto da Aia*, de Margaret Atwood (2017), ao ser analisado à luz da teoria de Judith Butler (2003), expõe as maneiras pelas quais as normas de gênero e a linguagem são instrumentalizadas como formas de dominação em uma sociedade totalitária. Em Gilead, as identidades femininas são rigidamente categorizadas e limitadas a funções específicas, numa tentativa de essencializar o feminino e submeter as mulheres ao controle patriarcal. No entanto, a própria fragilidade dessas categorizações permite atos de resistência. As personagens, especialmente Offred e Ofglen, utilizam a linguagem e a *performatividade* como ferramentas para subverter as normas impostas, criando brechas de autonomia dentro do regime opressivo. Dessa forma, a obra desafia a noção de uma identidade feminina estável e universal e aponta para a possibilidade de transformação e resistência, evidenciando que, mesmo sob condições extremas, a identidade e a linguagem podem ser meios potentes de contestação e resiliência.

As teorias de Judith Butler (2003) iluminam a compreensão das estruturas de gênero em *O Conto da Aia* (2017) ao enfatizar que as identidades de gênero são construções sociais e não categorias fixas, o que se evidencia na dinâmica das personagens femininas, especialmente Offred e Ofglen. A *performatividade*, conceito central na obra de Butler (2003), destaca como as mulheres em Gilead são forçadas a encenar identidades que servem aos interesses do regime patriarcal, reforçando a ideia de que gênero é um ato repetitivo moldado por normas culturais. No entanto, essa mesma *performatividade* também oferece um espaço para a resistência, já que as personagens podem subverter as expectativas impostas ao reimaginar suas identidades e ao usarem a linguagem como uma ferramenta de contestação. Assim, a obra de Butler (2003) não apenas enriquece a análise das questões de gênero na literatura contemporânea, mas também revela a complexidade das interações entre *poder*, *identidade* e *resistência*, mostrando que, mesmo sob controle opressivo, as mulheres encontram formas de reivindicar sua autonomia e desafiar as estruturas que buscam silenciá-las.



## **Referências**

ATWOOD, Margaret Eleanor. *O Conto da Aia*. Tradução de Ana Deiró. Rio de Janeiro: Rocco.2017.

BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da Identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

OKA, Mateus; LAURENTI, Carolina. Entre sexo e gênero: um estudo bibliográfico-exploratório das ciências da saúde. “*Saúde e Sociedade*”, v. 27, n. 1, p. 238-251, jan. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s0104-12902018170524>. Acesso em: 12 mar. 2024.

VINEYARD, Jennifer. Margaret Atwood comenta as bases reais do livro e série ‘O Conto da Aia’. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 19 jun. 2017. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2024/03/margaret-Atwood-analisa-autores-e-rechaca-dever-da-literatura-em-ensaios.shtml>. Acesso em: 24 abr. 2024.

**Recebido: 02-07-2024**

**Aceito: 01-11-2024**